

Cine Fórum: construindo um espaço potencial

Denise Zimpek T. Pereira¹
José Ricardo Pinto de Abreu²

Resumo: Cine Fórum é o nome original da atividade oferecida à comunidade pela SBPdePA, hoje batizada de Café Cinema. Essa atividade nos levou a tentar compreender os fenômenos psíquicos que levaram o público, organizadores, coordenadores e moderadores a desenvolver um grande entusiasmo nos debates sobre as películas apresentadas. Fomos buscar nos autores um aprofundamento sobre o tema do impacto que a imagem exerce sobre o psiquismo, como também a troca em grupo dessas impressões. Entendemos que essa atividade se realiza dentro de um espaço potencial criado pelo intercâmbio emocional entre os organizadores, representando a instituição e os participantes, sendo oportunizada uma experiência criativa compartilhada.

Palavras-chave: Espaço potencial. Identificação. Mãe-ambiente. Sonho compartilhado. Subjetivação.

Introdução

Os 10 anos de existência da atividade que inicialmente foi batizada de Cine Fórum, hoje conhecida como Café Cinema, estimulou-nos a tentar compreender algo sobre os fenômenos mentais que têm levado os participantes e coordena-

¹ Psicóloga. Psicanalista. Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Membro da Comissão Relações com a Comunidade, entre 2006-2011.

² Psiquiatra. Mestre em Medicina. Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Coordenador da Comissão Relações com a Comunidade, entre 2006-2011.

dores a participarem com reconhecido entusiasmo, consagrando esse espaço aberto ao público pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Consideramos que essa atividade se realiza dentro de um *espaço potencial* criado pelo intercâmbio emocional entre os coordenadores, representando a instituição, e os participantes, sendo oportunizada uma experiência criativa compartilhada.

Valemos-nos, para tanto, das observações, vivências e reflexões dos coordenadores e, sempre que possível, dos comentários realizados pelos participantes. Cotejamos nossas observações com a literatura, pretendendo com isso lançar alguma luz sobre uma atividade que tem despertado grande interesse, constituindo-se num bom caminho para o encontro com a comunidade.

Uma breve descrição do Cine Fórum: são encontros dirigidos à comunidade que têm como objetivo criar um espaço de intercâmbio com outros profissionais e pessoas interessadas, enfocando os aspectos psicanalíticos dos filmes exibidos. Nos primeiros anos seguia-se a seguinte metodologia: I) assistir à exibição do filme; II) discutir o filme em pequenos grupos com 45 min de duração; III) discutir em plenária com cerca de 1 hora de duração. Atualmente, é composta pelos passos I e III. Participam em média 20-30 pessoas por encontro. Os participantes são heterogêneos quanto à profissão, idade e experiências profissionais. A maioria não é psicanalista e a maior parte são profissionais vinculados às áreas de educação e saúde.

Ao longo desses 10 anos de existência, percebemos que as pessoas tiveram participação muito ativa, reunidas entre 9-13h, quase 4 horas, pediram repetição ou reprodução, ou ainda registro das discussões. Adiante, no tópico A tarefa, descrevemos com mais detalhes o desenvolvimento da cada Cine Fórum.

Refletindo sobre o que poderia estar contribuindo para o êxito da atividade, levantamos algumas possibilidades e pensamos que poderia ser a metodologia que temos utilizado, mas logo percebemos que a mesma deveria ser entendida dentro de um contexto de compreensão psicanalítica dos jogos, brincadeiras e experiência cultural, na linha apresentada por Freud, Winnicott e Ogden.

Sonho, teatro e cinema

Freud começou sua vida profissional como médico neurologista, aspirava tornar-se cientista, fez inúmeras pesquisas e produziu importantes trabalhos. Depois, ingressou no terreno da sugestibilidade e hipnose. Como não se considerava bom hipnotizador e não estava satisfeito com os resultados do método hipnótico, desenvolveu o método de investigação, inédito, baseado na associação livre e atenção flutuante (ETCHEGOYEN, 1987).

Encontrou um caminho para penetrar na subjetividade e estudá-la. Ainda não existia a noção de inconsciente dinâmico, muito menos da estrutura da personalidade, mas eram realizadas incursões sobre o mundo interno dos pacientes. Interessava-se pelos relatos, particularmente pela falha inadvertida das palavras, dos discursos, ouvia os dramas, as tragédias, dissecava as imagens dos sonhos que tornaram-se o canal régio para o inconsciente, ainda não revelado. Obtinha resultados com o seu método de trabalho em desenvolvimento.

Foi através de uma paciente histérica que ele descobriu a transferência. Depois veio o livro dos sonhos que deu início à edificação da psicanálise, ainda não denominada como tal. No livro dos sonhos, ele utilizou material produzido por ele próprio, suas imagens oníricas e de seus pacientes. As imagens eram interpretadas e logo transformadas em palavras e depois em textos que davam a compreensão lógica aos processos mentais que os produziam.

Freud sempre se interessou pela cultura, particularmente pela literatura e logo associou as produções literárias aos sonhos e aos mitos. A obra literária mais celebrada pela psicanálise foi *Édipo Rei*, justamente uma peça de teatro cujos personagens representavam o drama e a tragédia universal da humanidade, os quais se repetiam nos seus próprios sonhos e de seus pacientes. Outras obras também foram investigadas por Freud, salientam-se as de Shakespeare, muitas delas escritas para serem encenadas.

O teatro é considerado uma arte maior, pois possibilita a interlocução, a possibilidade de uma relação com os personagens, favorecendo a ação dos mecanismos identificatórios, talvez mais intensa do que aqueles que ocorrem com os personagens que nascem das palavras de um livro e de outras manifestações artísticas que são mais contemplativas. O teatro é vincular por natureza e proporciona um clima emocional evocativo, produzindo envolvimento através dos mecanismos de identificação.

Diante do exposto, queremos relacionar os seguintes pontos: o primeiro é o sonho com todos os seus disfarces característicos, é uma representação do mundo interno e opera nesse espaço; segundo, o teatro que põe em cena as representações produzidas pelo mundo interno e opera num espaço intermediário; e, terceiro, a intensa atração que o teatro exerce sobre as pessoas, como experiência cultural, decorre do prazer estético, da descarga emocional e de elaborações lúdicas dos conteúdos internos despertados.

Na atualidade, poderíamos dizer que o cinema, considerado a sétima arte, representa o papel que tinha o teatro em outras épocas e, guardadas as diferenças que não importam especificar nesse momento, proporciona ao expectador boa parte do que o teatro podia proporcionar.

O cinema está relacionado com o desejo, com o imaginário e com o simbólico e utiliza jogos de identificação e mecanismos que regulam nosso psiquismo, tal como o sonho. Assim, ao longo dos anos estabeleceu uma relação ímpar com a psicanálise, sendo que também a psicanálise encontrou no cinema um interlocutor profícuo.

O cinema valoriza as imagens em movimento e estas podem ter o poder de subjetivar ou de alienar. As imagens podem valer por muitas palavras e seu impacto costuma ser muito forte. Dependendo de como são utilizadas podem ter um efeito de passivisar, penetrando sorratamente na subjetividade, tentando ocupar todos os espaços psíquicos relativos às faltas, ao vazio, com a promessa de apagar as angústias, uma vez que a reflexão é secundária. Caso as imagens priorizem a exterioridade e a uniformidade, podem contribuir para a indiferenciação narcísica.

A ênfase dada pela psicanálise à palavra, com sua capacidade de elaboração pré-consciente, deixou a imagem num segundo plano. Por outro lado, o poder evocativo das imagens, justamente aquele usado pelas obras de arte visual, através das cores, das formas, das linhas de expressão e dos movimentos, pode contribuir a subjetivação e individuação. Entendemos que no cinema os dramas e tragédias humanos interpretados e colocados em cena conseguem abrir brechas para o inconsciente, mobilizando conteúdos, possibilitando algum trabalho de ligação entre representação psíquica e afeto.

Para Sampaio (2000), alguns tipos de sofrimentos na atualidade são marcados pelo excesso e pela intensidade, diante dos quais o sujeito está ao mesmo tempo passiva e ativamente posicionado. Assim, ao sujeito só resta buscar os destinos possíveis para as forças pulsionais, ordenando circuitos pulsionais e inscrevendo a pulsão no registro da simbolização. Frente à reativação do desprazer produzido por grandes quantidades não metabolizáveis pelo psiquismo, será a capacidade de ligação do aparelho psíquico que definirá as possibilidades de domínio desta energia. A cultura, a arte, e o cinema, em particular, nesse sentido, cumpriram um papel de importante estímulo gerador de subjetividade.

Sua força de impacto sobre o psiquismo estaria justamente ligado ao poder da imagem. A arte visual, por mais simples que seja, pode produzir uma poética da representabilidade capaz de substituir o aspecto regressivo notado por Freud a propósito do sonho. Assistir a um filme seria como experimentar um sonho compartilhado e coletivo que pode nos levar do riso ao choro ou do pânico à tranquilidade.

Assim, temos filmes que falam de si mesmos e de seu público, como também interpretam e são interpretados por ele. Portanto, o que registramos de um

filme, já dentro de nossas mentes, é mais do que o filme projetado na tela, mas também aquilo que projetamos nele, criando-se um espaço-tempo intersubjetivo de transição entre o observador e o que é observado.

Uma vez que o cinema se constitui numa expressão artística geradora de subjetividade, que promove um processo dialético entre as cenas de um drama, ou qualquer outra temática apresentada na tela, terá a capacidade de evocar as cenas do imaginário ou do processo de fantasias inconscientes daquele que assiste. O espectador não será passivo, mas dinamicamente ativo diante da tela.

A subjetivação, as brincadeiras e a experiência cultural

Entendemos que os encontros de Cine Fóruns constituem uma brincadeira no sentido que Winnicott (1975) dá ao termo. Ele diz que as brincadeiras são sempre criativas, expandindo-se no viver criativo e na vida cultural. Na gênese das brincadeiras, o papel da mãe é fundamental, pois é com ela que o bebê faz as primeiras experiências do brincar. Ela deve estar disposta a participar daquilo que o bebê espera encontrar e ser ela mesma. Essa experiência repetida proporciona ao bebê uma experiência onipotente, base de um estado de confiança. A área de experiência localiza-se no espaço potencial existente entre o indivíduo e o ambiente que tanto une como separa o bebê da mãe. O jogo é estimulante e refere-se à ação recíproca da realidade pessoal e à experiência de domínio dos objetos reais.

Ogden (1996), inspirado em Winnicott, diz que a subjetividade tem a ver com a capacidade de percepção, que vai da tardia conquista da autorreflexão intencional, ao mais sutil e discreto senso de individualidade, pelo qual a experiência é sutilmente dotada da qualidade de que se está pensando os próprios pensamentos e sentindo-se os próprios sentimentos, em oposição a viver-se num estado de reatividade reflexa.

No desenvolvimento ocorre a diferenciação da unidade mãe-bebê (mãe-ambiente invisível) para a condição de mãe e bebê (mãe como objeto). No curso dessa diferenciação, vão se firmando a subjetividade, a consciência e a capacidade de desejar (que é diferente das necessidades de autoconservação). Experiências inevitáveis causadas pela relação mãe-bebê proporcionam as primeiras experiências de separação. O objeto transicional seria o símbolo do processo de separação, pois seria ao mesmo tempo o bebê e o não-bebê. O relacionamento com esse objeto é também significativamente um reflexo do desenvolvimento da capacidade de estabelecer um processo dialético psicológico, produzindo a capacidade de gerar significados pessoais representados em símbolos.

Assim, a capacidade de manter uma dialética psicológica envolve a transformação de uma unidade que não exigia símbolos, naquilo que Ogden (1996) chama de trindade, ou seja, uma interação dinâmica de três unidades diferenciadas. Estas entidades são o símbolo, que é um pensamento; o simbolizado, que é aquilo que está sendo pensado; e o sujeito interpretador, ou seja, o pensador que gera seus próprios pensamentos e interpreta os seus próprios símbolos.

A diferenciação de símbolo, simbolizado e sujeito interpretador cria a possibilidade de uma triangulação, onde o espaço é criado. Este espaço entre símbolo e simbolizado, mediado por um *self* interpretador, é o espaço potencial em que a criatividade se torna possível.

A tarefa

Acreditamos que além das emoções promovidas pelos filmes exibidos, outros elementos possam contribuir para a construção de um espaço que consideramos *potencial*. Sabe-se que uma atitude disponível e amorosa é indispensável ao clima de confiança que proporciona o desenvolvimento da brincadeira.

Contribuíram para isso o preparo de cada encontro, levando em conta o cuidado na seleção de filmes, considerando a temática, a fertilidade para discussão e o conteúdo estético. Os filmes escolhidos sempre foram muito apreciados. Outro aspecto preliminar foi a preparação da sala de projeção do filme, com teste prévio de som e imagem. A preparação preliminar dos participantes, no chamamento para atividade, com vinhetas motivadoras sobre o conteúdo do filme a ser discutido e, também, a divulgação do nome dos organizadores. No dia da projeção, sempre o coordenador fazia uma fala de acolhimento e de boas vindas. Muito importante era a inclusão de um pequeno intervalo para café após a projeção do filme, assistidos por todos, servindo ao início de um convívio, visando alguma integração entre os participantes e organizadores. Esses elementos de cuidado sempre foram considerados importantes no desenvolvimento da tarefa.

Após a projeção do filme, o grupo era subdividido em pequenos grupos e cada pequeno subgrupo dirigia-se a uma sala definida para discussão, considerada como um aquecimento, coordenada pelos moderadores. Os moderadores foram convidados a assistirem aos filmes com antecedência. Seu papel era principalmente o de estimular a troca de impressões entre os participantes sobre o filme, no pequeno grupo, destacando os aspectos ventilados. No pequeno grupo era escolhido algum participante para relacionar os tópicos discutidos.

Terminada a discussão em pequenos grupos, todos os participantes se reuniam e, então, eram cotejados os tópicos valorizados, agora no grande grupo. Nesse momento, o coordenador da atividade estimulava o debate entre os participantes e apresentava suas contribuições, valorizando os tópicos que emergiam durante os debates, sem a preocupação de oferecer uma versão definitiva sobre o que foi sentido pelos participantes. Desenrolava-se a seguir um debate muito espontâneo e novas observações costumavam surgir no encontro dos participantes em conjunto. Observava-se que os participantes falavam de modo espontâneo, revelando entusiasmo ao expressarem seus pontos de vista, dando a clara impressão de que se sentiam à vontade e gratificados com a participação. Entendemos que, nesse momento, trabalhávamos juntos num ambiente suficientemente bom e criativo.

Os coordenadores de cada sessão do Cine Fórum eram convidados dentro de um critério de interesse e de disponibilidade, e esperava-se deles aceitação e tolerância quanto à diversidade das experiências que poderiam aparecer.

O clima de respeito e de grande interesse pelo conteúdo dos filmes proporcionou debates de modo muito ativos e espontâneos. Observou-se em todos os encontros emoções, evidenciadas pelo tom da voz e outras expressões afetivas, na busca de entendimento na larga participação grupal. Em alguns Cine Fóruns, principalmente nos primeiros, buscamos ao final, uma avaliação escrita, na qual valorizávamos sobretudo os ganhos afetivos que os participantes poderiam ter obtido e alguma sugestão quanto ao próximo filme a ser trabalhado. Todas as avaliações foram positivas e havia recomendação que a atividade fosse mantida, e que a mesma se revelava útil, pois proporcionava um aprofundamento no entendimento dos filmes que, em meio à discussão, passou a ter mais sentido.

Considerações finais e correlações

Essa dinâmica proporcionou o desenvolvimento de um clima de confiança tal qual a mãe deve ter para jogar com o bebê. Concluímos tratar-se da construção de um momento criativo com efeitos benéficos a todos, coordenadores, moderadores e público participante.

Um fenômeno de grupo, evocado primeiramente no encontro com o filme, onde o espectador como um sonhador, entrega-se às impressões visuais, auditivas e proprioceptivas evocadas a partir da tela, seguido pelo encontro com grupo que expõe suas impressões, interpreta a trama e os personagens, muitas vezes acrescenta informações, detalhes, emociona-se, inspira-se e fala. “A afinidade

reconhecida entre o cinema e o sonho nos levaria de pronto a pensar que a experiência onírica, ou o desejo humano de compartilhar seus sonhos, está na própria base do cinema” (SAMPAIO apud DESNOS, 2000, p. 46).

Os encontros de Cine Fórum têm suas peculiaridades e muitas vezes são marcados também por experiências de angústia, pois o grupo não se repete e cada filme evoca diferentes sentimentos e representações. Segundo Kaës (2005), num grupo, o indivíduo pode ter uma função de porta-voz, e ao falar do filme, fala dele e do próprio grupo. É interessante como, em certos encontros, algumas pessoas se destacam e têm dificuldades notórias de ceder a palavra. Os coordenadores então, como porta vozes legítimos do grupo, conseguem intervir fazendo a palavra novamente circular pelo grupo.

O que tem emergido dessas atividades são experiências em que não existe lugar para o certo ou errado, não há assimetria, mas sim um espaço onde circulam emoções e ideias. Psicanalistas e leigos compartilham da atmosfera provocada pelo drama, pela trama e pelos personagens. Uma possibilidade de colocar em palavras as interrogações e interpretações a partir de imagens, de sons e dos diálogos, sem o compromisso de acertar, de diagnosticar, de tratar. Entendemos que esses elementos têm potencializado o clima lúdico. Para Winnicott (1975), a criação se ergue entre o observador e a criatividade do artista.

Pensamos tratar-se de uma rica experiência que poderia ser definida como o *Espaço Potencial*, um espaço onde os paradoxos podem existir, ser aceitos, tolerados, respeitados e, principalmente, não exigem resolução.

Assim, o *Espaço Potencial* mobilizado pelo Cine Fórum é um espaço do brincar e um espaço de criação. Trata-se de uma experiência cultural construída em dois tempos: tempo intersubjetivo entre o filme (objeto transicional) e o espectador desejante, seguido pelo tempo de construir hipóteses e questionamentos (*self* interpretador), incrementados por outros elementos subjetivos, que o filme e o intercâmbio emocional e intelectual entre o grupo produzem.

Este espaço oportuniza através da brincadeira estimulada pela riqueza simbólica dos filmes, um exercício da criatividade, fazendo emergir um objeto próprio e diferenciado que proporciona uma experiência de prazer. Percebemos que nesse espaço circulam vivas emoções e reflexões, todos saem tocados e enriquecidos.

Cine Forum: building a potential space

Abstract: Cine Forum is the original name of the activity offered to the community by the SBPdePA, today named Café Cinema. This activity led us to try to understand the psychic phenomena that led the public and coordinators to a great enthusiasm in discussions about the films presented. We have searched authors for some depth on the topic of the impact that the image exerts on the psyche, as well as the switch in Group of these impressions. We believe that this activity takes place within a potential space created by the emotional exchanges between coordinators, representing the institution and the participants, where a shared creative experience is offered.

Keywords: Potential space. Identification. Mother-environment. Shared dream. Space potential. Subjectivation.

Referências

ETCHEGOYEN, R. H. **Fundamentos da técnica psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

KAËS, René. **Os espaços comuns e partilhados**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

OGDEN, Thomas H. **Os sujeitos da psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

SAMPAIO, Camila P. O cinema e a potência do imaginário. In: BARTUCCI, Giovanna. **Psicanálise, cinema e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

DENISE ZIMPEK PEREIRA
Rua Florência Ygartua, 53 / 302
90430-010 – Porto Alegre – Brasil
e-mail: denisezimpek@gmail.com

JOSÉ RICARDO PINTO DE ABREU
Rua Dona Laura, 207 / 305
90430-091 – Porto Alegre – Brasil
e-mail: abreujrp@hotmail.com